

Caracterização da pesca artesanal na Vila de Perimirim, Augusto Corrêa, Pará, Brasil
Ronivalber Santos Ferreira^a, Euzébio de Oliveira^b, Iracely Rodrigues da Silva^c, Luci Cajueiro
Carneiro Pereira^d, Rauquívio Marinho da Costa^d

^a *Licenciada em Pedagogia, UFPA;* ^b *Mestrando em Biologia Ambiental, Campus Universitário de Bragança, UFPA;* ^c *MSc em Biologia Ambiental, UFPA* ^d *Professor (a) Adjunto da Universidade Federal do Pará (lucicajueiro@ufpa.br). Laboratório de Oceanografia Costeira e Estuarina, Campus Universitário de Bragança -UFPA, Núcleo de Estudos Costeiros*

Introdução

As populações de peixes estão entre os principais recursos potencialmente exploráveis nas zonas costeiras, destacando-se pela expressiva fonte de suprimento alimentar de proteínas e biomassa disponível, assim como pelo interesse comercial (PEREIRA & SOARES, 2002). No entanto, a intensificação da pesca tem aumentado a pressão sobre os recursos pesqueiros causando mudanças nas populações humanas que, atualmente, exploram estes recursos (ISAAC & BARTHEM, 1995). O modelo de pesca artesanal desenvolvido hoje na costa paraense indica que esta é uma atividade com práticas predatórias em virtude da falta de assistência governamental, investimentos, incentivos, fiscalização e educação ambiental. Mesmo assim, a atividade pesqueira é praticada em quase todos os municípios do estado, principalmente ao longo do litoral. Na maioria destas áreas esta atividade chega a ser o principal responsável pelo desenvolvimento econômico dos municípios como pode ser observado em várias comunidades do nordeste paraense onde parte da produção pesqueira é destinada à subsistência dos grupos locais e ao comércio de Belém e dos Municípios ligados aos centros produtores (ESPÍRITO SANTO, 2001; MANESCHY, 1995).

Objetivos

Este trabalho teve como objetivo analisar como o pescador vem explorando os recursos pesqueiros, a partir do levantamento da organização da pesca local, das principais artes de pesca, de espécies de peixes mais capturadas pela pesca artesanal, e da percepção dos pescadores sobre os problemas que envolvem a atividade pesqueira na Vila de Perimirim, em Augusto Corrêa (Pará-Norte do Brasil).

Métodos

A comunidade de Perimirim fica localizada a direita do Rio Urumajó, o qual banha o município de Augusto Corrêa, na Micro-Região Bragantina, com uma área de 3.000 km² e uma população, segundo estatísticas do IBGE (2000), de aproximadamente 658 habitantes. Para caracterizar a pesca na comunidade de Perimirim, que conta com cerca de 103 pescadores, realizou-se entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a uma amostra de 30% da categoria de pescadores artesanais, além da observação *in loco*, durante um período de 60 dias (maio a junho de 2004).

Resultados

A economia da comunidade de Perimirim está baseada exclusivamente na venda de produtos da pesca, que lhes permite obter produtos não produzidos na comunidade. Seu comércio conta com duas panificadoras e sete pequenos comércios de vendas a varejo onde as pessoas podem adquirir farinha, arroz, café, açúcar e outros alimentos básicos. A comunidade dispõe de abastecimento de água, luz elétrica, uma estrada que dá acesso para a sede do município; além de ser servida por transportes diários de linha particular, com trajeto Bragança - Augusto Corrêa - Perimirim. Em Perimirim, as principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores artesanais são: tarrafa, espinhel flutuante, espinhel fixo ou de ancoragem, tiradeira, curral, rede de malhar flutuante, rede de lancear, fuzarcão, puçá, zangaria e rabiaderia. As redes são adaptadas, em sua largura, de acordo com os locais de pesca, bem como a forma de uso no canal da parte mais rasa do rio. Na vila, pode-se observar uma elevada diversidade de espécies, as quais são capturadas de acordo com o que os pescadores denominam de “lançantes” (marés de quadratura de lua crescente), e “quebra” (marés de quadratura de lua minguante). Na primeira, a pesca é realizada em locais mais distantes da comunidade e exige uma maior disponibilidade de tempo dos pescadores devido ao longo percurso até os locais de pesca. Na segunda, geralmente, o pescador sai pela parte da madrugada e retorna no

mesmo dia. Segundo os pescadores entrevistados, as espécies de peixes mais freqüentemente capturadas são: Arraia (*Gymnura micrura*; *Dasyatis* sp), Bagre (*Arius herzbergii*), Bandeirada (*Bagre bagre*), Bragalhão (*Arius couma*), Caíca (*Mugil* spp), Cangatã (*Arius quadriscutis*), Corvina (*Cynoscion* sp), Cururuca (*Micropogonias furnieri*), Pescada gó (*Macrodon ancylodon*), Jurupiranga (*Arius rugispinis*), Peixe Pedra (*Geniatremus luteus*), Serra (*Scomberomorus brasiliensis*), Tainha (*Mugil* sp), e Uritinga (*Arius proops*). Estes peixes apresentam um valor comercial que varia de acordo com o período sazonal (estação seca ou **chuvosa**). De acordo com os pescadores, na comercialização do produto existem preferências por espécies de peixes entre os atravessadores, onde o preço varia conforme a preferência para o consumo interno e exportação. O peixe que apresenta o maior valor comercial é a pescada (3,50 kg), enquanto que a arraia apresenta o menor valor comercial (0,70 kg). O processo de venda ocorre de acordo com o esquema: pescador, atravessador de Augusto Corrêa e Consumidor. Destacou-se a utilização das seguintes artes de pesca como principal fonte de problemas advindos da atividade pesqueira,: (1) *o uso de currais e fuzarcas*, apontados como um entrave para a pesca, pois além de atrapalhar a navegação de embarcações, causam a morte de muitos peixes de espécies de valor alto comercial como a Gó, e outros que constantemente são desprezados ainda em estágio juvenil; (2) *o uso de substâncias tóxicas* (timbó e cunambi), que destrói os chamados “poços de peixes” que servem de refúgio durante a maré baixa, além de prejudicar o organismo humano pelo consumo de peixe contaminado, sendo um tipo de pesca preocupante por ocorrer nas cabeceiras dos rios, onde o peixe desova ou permanece durante o estágio juvenil (O uso de substâncias tóxicas é considerado prática predatória, proibida pela Lei Federal nº 7.679/88); (3) *uso de malhas finas*, utilizadas na Zangaria que captura indivíduos juvenis (o tamanho destas redes pode alcançar cerca de 2.000 a 3.000 m). A utilização destes tipos de arte de pesca vem, por outro lado, ocasionando a redução do tamanho de algumas espécies de pescado, como Gó, Corvina, Uritinga, e Peixe Pedra e a redução da ocorrência de espécies como Mero, Camurim, Pescada, Bragalhão, Uritinga e Corvina. Em função dos problemas descritos anteriormente, os pescadores desta localidade estão deslocando-se para pescar na barra do Câmara-Açú, que fica dentro da Área de Preservação Ambiental de Urumajó (APA), que além de representar uma unidade de preservação protegida por lei não constitui uma área propícia a navegação, devido aos fortes ventos, chuvas e ondas.

Conclusão

A caracterização da pesca artesanal de Perimirim mostra que os problemas do setor pesqueiro local estão relacionados à falta de informações, orientação técnica e alternativas de renda para o pescador. A deficiente estrutura de produção e comercialização dos produtos da pesca condicionam a frágil perspectiva de desenvolvimento para o setor pesqueiro local. Um estudo sobre a abundância das espécies de peixes na área poderia ser de suma importância para iniciar um plano de conservação e garantir o manejo sustentável dos estoques pesqueiros locais.

Referência Bibliográfica

- ESPÍRITO SANTO, R. V. (2002). Caracterização da Atividade de Desembarque da Frota Pesqueira Artesanal de Pequena Escala na Região Estuarina do Rio Caeté, Município de Bragança-Pará-Brasil. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Costeiros)- Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, 89 f.
- ISAAC, V. J.; BARTHEM, R. B. Os Recursos Pesqueiros da Amazônia Brasileira. PR-MCT/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1995.
- MANESCHY, M. C. Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada. Marajó, Estuário Amazônico. **MPEG**, Série Zoologia, 2 (1):
- PEREIRA, R. C. & SOARES-GOMES, A. Biologia Marinha. RJ: Editora Interciência, 2002.